

J A I L S O N D I A S C A R V A L H O

*Imagens do passado: São Paulo e Rio
de Janeiro nos primórdios do cinema,*
de José Inácio de Melo Souza

Recebido em: 03/2007 * Parecer: 08/2007

JAILSON DIAS CARVALHO: Especialista em Informática na Educação pela Universidade Federal de Lavras.

Souza, José Inácio de Melo. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

Não entender do pesquisador e ensaísta José Inácio de Melo Souza (2004), “os momentos de crise têm sido salutares para a construção de uma história do cinema brasileiro”. Nesse sentido, três momentos podem ser apontados.

Durante o ano de 1944, o poeta, músico, e diplomata Vinícius de Moraes escreveu um ensaio para a revista *Clima* denunciando a inexistência de uma história do cinema brasileiro, e o flagrante desinteresse da elite letrada pelo cinema. Nada menos grave, pois partia de um poeta o brado para a construção de uma história do cinema nacional face o desprezo dos historiadores de ofício diante do seu próprio cinema.

A década de 1950 foi outro momento de busca por explicações históricas e de formulações teóricas. Todavia, isso se deveu, significativamente, ao fracasso da implementação da indústria cinematográfica no país por meio dos grandes estúdios, tais como a Vera Cruz, a Maristela, a Multifilmes. No final da década – e no decorrer dela apareceram os trabalhos de Francisco Silva Nobre – foi publicado o primeiro livro de maior vulto sobre o cinema brasileiro, *Introdução ao Cinema Brasileiro*, escrito não por um historiador, mas por um repórter por profissão, Alex Vianny.

A última década do século XX, precisamente com o governo Collor (1990-92), marcou o terceiro momento de crise do cinema nacional e de revisão histórica, fruto da destruição do “arcabouço legal protecionista”, espinha dorsal de sobrevivência do cinema brasileiro, que pode ser resumido: nas leis de incentivo à produção audiovisual, no esquema filantropo de apoio aos cineastas, através da Embrafilme, e na exibição compulsória de películas nacionais pelo mercado exibidor. Este último momento, segundo Souza (2004), “lançou todo

o campo cinematográfico novamente numa situação crítica”. Era necessário pensar a crise – entre tantas outras já vividas – na qual o cinema nacional estava envolvido.

De certa forma, a obra do ensaísta José Inácio de Melo, *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*, inscreve-se no contexto de revisão histórica e de crise do cinema nacional, deflagrada durante o governo Collor, mas não somente a ele creditada, pois, no entender de alguns, a agonia do cinema nacional provinha da década anterior. Suas causas eram a inflação alta, o declínio da renda dos espectadores, o encarecimento dos custos de produção das películas, o favorecimento a alguns cineastas através do financiamento de películas pela Embrafilme, o descumprimento da legislação que previa a exibição obrigatória do cinema nacional pelos exibidores, e o esgotamento dos gêneros cinematográficos. Todos esses fatores contribuíram para a derrisória crise do cinema nacional. E, no entender do crítico de cinema Jean-Claude Bernardet (1995), base e diálogo para *Imagens do passado*, uma crise de produção de filmes levaria de “roldão o discurso histórico” no qual essa produção esteve assentada por muito tempo.

O que estaria sugerido, portanto, em *Imagens do passado*, seria a proposição de um novo discurso histórico para o cinema brasileiro ou, dito de outra forma, usando as palavras de Souza, a “construção de uma nova história do cinema brasileiro” (p. 14).

Quais seriam as principais idéias a sugerirem a presença dessa “nova história do cinema brasileiro” nesta obra?

Uma delas indica o esgotamento das histórias panorâmicas produzidas por Alex Vianny, F. Silva Nobre ou Paulo Emílio Sales Gomes, que pautaram suas análises em um discurso aglutinador das obras cinematográficas e dos autores dos filmes, relegando a exibição das películas a um segundo plano no discurso e na prática, pois o que importava, tanto para esses historiadores quanto para aqueles a quem escreviam – os produtores e cineastas – era a produção em si, o “resto, a exibição, era outros quinhentos” (Bernardet, 1995).

Outra dessas idéias percebe a necessidade de uma maior articulação entre o cinema e a modernidade, pois o cinema é uma invenção tecnológica da modernidade e, como tal, permitiu a aglutinação das pessoas em um espaço (as salas de projeção). A convivência ou sociabilidade das pessoas nesse espaço nem sempre foi pacífica, pois implicou a aceitação ou não do outro ao nosso lado, e o ajustamento de normas de conduta que tinham por objeto assimilar o cinema como marca da civilização.

A terceira idéia avalia o surgimento do cinema no Brasil e analisa que nos seus primórdios houve a atuação do cinema ambulante, sendo que o cinema dos primórdios esteve sob a influência do cinema europeu. Nesse sentido, a Pathé Frères obteve um papel fundamental ao abastecer o mercado nacional com as suas películas. O cinema norte-americano, por sua vez, marcou a sua entrada no país durante a Primeira Guerra Mundial e beneficiou-se do baixo fluxo de películas européias.

Talvez a última idéia, não menos importante, que torna obrigatória a leitura de *Imagens do passado*, seja a indução de que cada cidade brasileira teve uma trajetória diferente no que diz respeito à exibição de filmes. Mediante o estudo de suas especificidades, seria possível articular o cinema como uma invenção tecnológica, a constituição de um espaço de sociabilidade entre os indivíduos, e descortinar o papel do cinema ambulante, do cinema europeu, e do cinema americano no imaginário dos espectadores.

Somente a pesquisa sobre a exibição de filmes nacionais seria capaz de indicar a penetração obtida por este cinema em regiões distantes dos grandes centros produtores. Dessa forma seria possível avaliar a quantidade e, em alguns casos, a qualidade, e quais filmes foram exibidos. Em suma, o grau de penetração desse cinema pelo interior pode vir a ser uma fonte de pesquisas futuras sobre o mapa da exibição nacional de películas, por se fazer no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Bernardet, Jean-Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. São Paulo: Annablume, 1995. (Coleção E; 2)